

Prefácio

Domingos Bernardo Sá

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SÁ, DB. Prefácio. In: ACSELRAD, G. org. *Avessos do prazer: drogas, Aids e direitos humanos* [online]. 2nd ed. rev. and enl. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, pp. 9-10. ISBN: 978-85-7541-536-8. Available from: doi: [10.7476/9788575415368](https://doi.org/10.7476/9788575415368). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/bgqvf/epub/acselrad-9788575415368.epub>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PREFÁCIO



A combinação de ‘drogas e Aids’ como objeto de reflexão sinaliza para a identidade estrutural de dois dramas humanos atuais. Em ambos se associam prazer e dor, vida e morte, repressores e pseudo-humanistas, intolerância, preconceito e discriminação. Nessa patética combinação, parafraseando Glauber Rocha, “deus é o diabo na terra do sol”, porque o esplendor do amor, da paixão e das transformações perceptivas passaram a acenar com o gozo, mas já então indissociável da avaliação de seu custo. Entretanto, como calcular e reduzir esse custo? Que quadrantes do conhecimento humano deveriam ser abordados para o adequado enfrentamento da questão? Ou que direção escolher que pudesse alimentar a esperança de contribuir, efetivamente, para a formulação de políticas públicas sobre os temas enfocados?

Os artigos aqui reunidos, pela análise de seu conteúdo, definem, em primeiro lugar, a centralidade da pessoa humana como razão de ser de todo o trabalho desenvolvido. Isso significa que os anelos do ser humano, suas carências, suas lutas, seus direitos, suas utopias, seus ideais de igualdade, de solidariedade e de justiça formaram o núcleo deste ‘pensar coletivo’.

É interessante notar que nenhum dos autores priorizou a análise dos temas específicos da repressão, que inflamam a mídia, como a formação de tropas para o combate armado ao narcotráfico nas fronteiras, os processos de detecção de lavagem de dinheiro, os métodos novos de enfrentamento da chamada ‘economia da droga’, as estatísticas de apreensão, o aumento de penas privativas de liberdade, entre tantos outros eletrizantes capítulos integrantes da seara repressiva. E por que não foi priorizada a repressão? Por que os autores não estariam preocupados com tais assuntos? Não. Positivamente não. Esses temas preocupam a todos nós, tanto quanto, por exemplo, o ataque à corrupção denunciada nos poderes da República ou o combate ao contrabando, além

de outros tipos penais que compõem o quadro da violência hipertrofiada das metrópoles. Entretanto, o estudo das estratégias repressivas, a coordenação ou a execução da atividade policial e a fiscalização das infrações penais, de forma geral, constituem atividades ‘subordinadas’ ao que a lei define como ilícito. Trata-se, pois, de assunto tecnicamente adjetivo, não obstante sua enorme importância. Entretanto, ao que reprime não cabe discutir, muito menos definir o que deve ou não ser reprimido.

Infelizmente, tem sido freqüente, desde há muito tempo e de forma generalizada – quando da formulação de políticas públicas e da fixação de diretrizes em questões como a das drogas – o afastamento da missão ‘substantiva’, prevalecendo, então, os aspectos romanescos da repressão, com seus lances cinematográficos, muito mais ao gosto das manchetes jornalísticas que os estudos teóricos e as avaliações acadêmicas. O acento repressivo ou não – que caracteriza a orientação adotada por qualquer órgão público ou seus dirigentes – está, precisamente, na ênfase que seja dada aos aspectos repressivos. Basta ver quantas notícias ou matérias publicadas ocupam-se, efetivamente, com a etiologia do uso de drogas, com a educação para o adequado enfrentamento do fenômeno, com a conceituação do que seja prevenção, dependência etc. Não obstante seja outra a preferência do noticiário, o único tratamento que pode ser eficaz no encaminhamento de soluções para o problema das drogas é sempre fruto do trabalho interdisciplinar, resultante, portanto, de múltiplos saberes.

Avessos do Prazer: drogas, Aids e direitos humanos, organizado por Gilberta Acselrad, é uma contribuição de importância superlativa para a formulação de políticas públicas para os temas referidos. Questiona as práticas existentes. Aponta “caminhos de convívio com a diferença”, denuncia “o funcionamento ineficiente e injusto da Justiça” e indica os fatores predisponentes ao uso e à comercialização de drogas, como a excitação ao consumo e a busca exasperada do prazer.

Este livro, pela seriedade e profundidade das exposições que reúne e por seu conteúdo multidisciplinar, presta valioso serviço no surgimento de novos paradigmas de políticas públicas sobre drogas e Aids, desafiando o leitor a repensar a validade das práticas em vigor.

Domingos Bernardo Sá
Membro do Instituto dos Advogados Brasileiros/IAB